

## CONTANDO HISTÓRIAS E ESCRIVENDO: Percursos de uma Pesquisa em Educação e Diversidade

José Mateus Carvalho dos Santos (MAR)

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.*

[mateuscarvalho.oficial@hotmail.com](mailto:mateuscarvalho.oficial@hotmail.com)

Dr<sup>a</sup> Zuleide Paiva da Silva (orientadora)

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.*

[eidepaivasilva@gmail.com](mailto:eidepaivasilva@gmail.com)

*Simpósio Temático nº 21 – GÊNERO, RAÇA/ETNIA, SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO  
DOCENTE*

### Resumo

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XIV, cujo propósito é compreender como as/os professoras/es de uma escola básica utilizam em suas práticas pedagógicas a leitura e a contação de histórias, principalmente, as que trazem questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade para contribuir no processo formativo das/os estudantes. Para isso, será utilizada a escritividade como metodologia e a conversa como dispositivo. A proposta com esse caminho metodológico é construir um “eu coletivo” com as/os colaboradoras/os da pesquisa. Eu, bicha preta, não-binária, do axé/candomblé, contador/a de histórias, professor/a da educação básica pesquisando no meu espaço de trabalho e construindo uma pesquisa colaborativa com minhas/meus colegas. Neste trabalho, dialogo teoricamente com Conceição Evaristo (2020), Glória Anzaldúa (2000), Lélia Gonzalez (2018), Nilma Lino Gomes (2005), Patrícia Hill Collins (2021), entre outras/os autoras/es do campo dos estudos feministas, principalmente do feminismo negro e das/os que discutem a interseccionalidade entre raça/etnia, gênero e sexualidade. Diante disso, entendemos que práticas educativas com base na ancestralidade afro-brasileira, na cultura oral, nas artes, na contação de histórias, nas “pragmáticas”, que subvertem as práticas escolares hegemônicas podem ser de grande relevância para pautar as questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade na escola. Assim localizado, o propósito desse recorte é trazer as reflexões iniciais desenvolvidas durante o percurso desse processo, perpassando pelos caminhos e águas que refletem a implicação do/a pesquisador/a com a temática do estudo, apresentando como resultado um memorial formativo.

**Palavras-chave:** Educação, Relações étnico-raciais, Gênero, Sexualidade, Escritividades.

### Abstract

This work is an excerpt of a research under development in the Professional Master's Degree in Education and Diversity at the State University of Bahia, whose purpose is to understand

how teachers from a primary school use it in their practices Pedagogical reading and storytelling, especially those that bring ethnic-racial, gender and sexuality issues to contribute to the training process of students. For this, *escrevivências* will be used as a methodology and conversation as a device. The proposal with this methodological path is to build a “collective self” with the research collaborators. Me, black gay, non-binary, of axé/candomblé, storyteller, basic education teacher researching in my workspace and building a collaborative research with my colleagues. In this work, I theoretically dialogue with Conceição Evaristo (2020), Glória Anzaldúa (2000), Lélia Gonzalez (2018), Nilma Lino Gomes (2005), Patrícia Hill Collins (2021), among other authors in the field of feminist studies, mainly from black feminism and those who discuss the intersectionality between race/ethnicity, gender and sexuality. Therefore, we understand that educational practices based on Afro-Brazilian ancestry, oral culture, arts, storytelling, “*pretagogias*” that subvert hegemonic school practices can be of great relevance to guide ethnic-racial issues, gender and sexuality at school. Thus located, the purpose of this section is to bring the initial reflections developed during the course of this process, passing through the paths and waters that reflect the researcher's involvement with the study theme, presenting a formative memorial as a result.

**Keywords:** Education, Ethnic-racial relations, Gender, Sexuality, *Escrevivências*.

### Iniciando o xirê com o padê de Exú

O sino da Igrejinha faz Belém-Blém-Blóm,  
O sino da Igrejinha faz Belém-Blém-Blóm  
Deu meia noite, o galo já cantou  
Seu Tranca-Rua que é dono da gira  
Ô corre Gira que Ogum mandou,  
Seu Tranca-Rua que é dono da gira  
Ô corre Gira que Ogum mandou.  
Laroyê!

Cada um/a escreve como pode, como sabe... Eu só sei escrever assim! E como perguntou Anzaldúa (2000, p.232), em sua carta para mulheres escritoras do terceiro mundo, “por que deveria tentar justificar por que escrevo? [...] Você poderia também me pedir para tentar justificar por que estou viva?”. Diante disso, eu pergunto: Por que tenho que justificar como escrevo? Não quero e nem irei aqui tentar justificar a maneira como escrevo. Quero apenas sentir as palavras brotando feito as águas da cachoeira de Oxum em meu orí (em minha cabeça) e inundando/encharcando essa escrita... Quero “*escreviver*”!

Porém, sempre antes de qualquer coisa que vou fazer, até mesmo escrever, peço licença e bênção aos meus ancestrais, aos mais velhos e mais velhas, aos que vieram antes de mim, sejam aqueles/as que nasceram nos solos de mãe África, ou na diáspora, resistindo e criando quilombos nessas terras. Peço licença e bênção para todos/as. O que seria de mim sem a minha ancestralidade?

Penso essa escrita como um xirê. Esse ritual inicial de trocas de energias, que para Mãe Stella de Oxóssi (2010, p.182), o *siré* (xirê) é “uma festa sagrada que homenageia e reverencia um Oríxa”. É nesse momento onde trocamos bênçãos e cantamos para os Orixás (os Oborós e Iabás) um/a a um/a, cada um/a no seu lugar e formamos uma roda. Cantamos para todos/as nenhum/a pode faltar, se não a troca de energias não estará completa. Porém, antes de tudo isso é preciso cantar para Exú e oferecer a sua comida: o padê.

E para reverenciar o Orixá da comunicação, o primeiro, contarei aqui um pequeno itan<sup>1</sup>: “Exú matou um pássaro ontem, com a pedra que arremessou hoje”. Esse itan bagunça a compreensão do que entendemos como tempo cronológico. Quando Exú joga a pedra por trás do seu ombro e mata o pássaro no dia anterior, ele reinventa o passado e ensina que as coisas podem ser reinauguradas a qualquer momento.

Com isso, quero assim iniciar essa escrita, quero ir até o passado das minhas memórias e “reinventá-las” aqui nestas linhas, que é a escrita sobre a minha vida, sobre minha trajetória escolar, de como cheguei até o Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED/UNEB. Não cheguei aqui só, como já diz aquela música “não mexe comigo, porque eu não ando só”, eu ando de mãos dadas com a minha ancestralidade.

Todavia, acho importante mencionar aqui que venho construindo jeitos outros de escrever na academia, junto com minhas companheiras do Grupo de Pesquisa Currículo, Escrivivências e Diferença – MPED / UNEB XIV e do Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Ações Coletivas – TECEMOS / UNEB XI. Para tanto, nos inspiramos, principalmente, nas “escrivivências” de Conceição Evaristo e no “pretuguês” de Lélia Gonzalez.

Neste sentido, este memorial formativo é um recorte que intenta trazer as reflexões iniciais desenvolvidas durante o percurso do processo de pesquisa no mestrado, perpassando pelos caminhos e águas que refletem a minha implicação como pesquisador/a com as questões de estudo. Contudo, dialogo teoricamente com Conceição Evaristo (2020), Glória Anzaldúa (2000), Lélia Gonzalez (2018), Nilma Lino Gomes (2005), Patrícia Hill Collins (2021), entre outras/os autoras/es do campo dos estudos feministas, principalmente do feminismo negro e das/os que discutem a interseccionalidade entre raça/etnia, gênero e sexualidade.

**“Agô!”, esse é o meu jeito de escrever a minha história: sankofa e “pretuguês”**

---

<sup>1</sup> Na diáspora, a depender da nação da religião de matriz africana, existem várias formas de escrever essa palavra que tem origem no iorubá, já que o alfabeto dessa língua é bem diferente do português. Diante disso, utilizarei aqui essa forma por ser escrita na maioria dos estudos que tenho acesso.

Para escrever esse memorial terei como base dois conceitos que, em minha opinião, são importantes. O primeiro é Sankofa que significa literalmente “volte e pegue”, originou-se de um provérbio dos povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim.

Sankofa é um dos símbolos adinkra simbolizado, principalmente, por um pássaro estilizado que com os pés firmes no chão anda para frente, mas que olha para trás segurando um ovo com o bico, que representa o passado. Com isso, entendemos que só dá para seguir em frente com base na ancestralidade, com a espiritualidade e força ancestral a nos guiar. E, por esse motivo, eu peço *agô*:

*Agô* é uma palavra advinda do Iorubá/Nagô muito usada em Terreiros de Candomblé para pedir licença aos mais velhos e mais velhas, aos ancestrais, a quem veio primeiro e ao mesmo tempo esse termo é usado para pedir desculpas, por talvez errar no meio do caminho, afinal estamos em um processo de aprendizagem, estamos aprendendo, eu estou aprendendo, ainda não trilhei o caminho de quem já tem mais experiências e, talvez, nem trilharei pelos mesmos caminhos, porém o que vale é o respeito e a construção de conhecimento nessa perspectiva ancestral e de retomada das epistemologias pretas que (r)existem e por muito tempo foram invisibilizadas pelo colonialismo. (SANTOS, 2020, p.91).

Estou aqui escrevendo na madrugada, depois de um dia cansativo de trabalho, depois de dar aula o dia inteiro e entre os meus pensamentos vêm mais uma pergunta de Anzaldúa (2000, p. 230) “O que temos para contribuir, para dar?”. Então, penso com ela que por muito tempo diziam que escrever não era para nós, bichas pretas, mulheres negras, travestis, sapatões, pobres etc. Porém, agora entendemos que nossa trajetória pode contribuir de alguma forma para aqueles/as, como a gente, seguirem em frente. É isso que tenho para dar!

O segundo conceito que tenho como base para essa escrita é o de “pretuguês” criado por Lélia Gonzalez. Tendo como aporte teórico alguns dos seus artigos organizados pela União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA) no livro Primavera para rosas negras (2018), entendo que o “pretuguês” é a oralidade construída pelo povo preto e em numa outra oportunidade escrevi que:

são nossas vivências e a nossa ancestralidade que transbordam tanto que nem toda a gramática (com suas regras ortográficas, de acentuação, de concordâncias etc.) consegue abarcar e aí surge a escrita considerada “errada”, as “novas palavras” que, às vezes, nem são tão novas pra gente, pois é a mistura de várias línguas africanas e indígenas que constroem palavras que já são faladas no nosso dia a dia, que ouvimos nossos mais velhos falarem, porém não estão escritas nos livros. (SANTOS, 2020, p.93).



Diante disso, me orgulho em dizer que foram os “pretuguês”, principalmente, de minha avó, do meu avô, de minha mãe, do meu pai, e também, da minha família do axé que mesmo sem estudos acadêmicos, mas com toda “bagagem da vida” me ensinaram o que sei hoje e contribuíram para que eu chegasse até aqui.

### **Nascendo para o mundo e renascendo para o Orixá: caminhos da/na Educação**

Em alguns itans, Logun Edé, o Orixá para quem fui iniciado, é deixado nos cuidados de Oyá e Ogun, respectivamente os Orixás de minha mãe e meu pai. Foi com Oyá e Ogun que o jovem Logun Edé aprendeu a arte da guerra e tornou-se, além de um excelente caçador, um grande guerreiro.

Porém, é importante afirmar que mesmo não sendo iniciados em alguma religião de matriz africana, sempre vi meus pais acendendo velas e rezando para esses Orixás, mas com uma forte herança do sincretismo religioso, eles entoavam cânticos e orações para Santa Bárbara e São Jorge. E trazendo esse itan para a minha trajetória, meu pai e minha mãe me ensinaram a encarar as batalhas da vida, não sei se irei ser um “grande guerreiro”, mas resisto e luto tendo como bases os seus ensinamentos.

Meu primeiro nascimento, quando saí do ventre de minha mãe e vim para o aiyê (terra / mundo material) foi em 1994, em uma madrugada fria de Agosto, na cidade de Araci-BA. Já o meu segundo nascimento, ou renascimento, a iniciação para o Axé, para o Orixá, se deu em uma noite quente de Fevereiro, na cidade de Serrinha-BA, em pleno carnaval. Do primeiro nascimento até o segundo muito caminho foi percorrido, principalmente em relação à Educação, foco desse memorial.

Minha mãe e meu pai sempre disseram que a Educação era prioridade, tanto que eles se desdoblaram para que eu e minha irmã pudéssemos ter uma Educação Básica de qualidade, para eles só uma escola particular poderia proporcionar isso. Porém, com o salário de vigilante e de faxineira isso era muito difícil, mas mesmo com toda dificuldade conseguiram nos deixar até o quinto ano dos anos iniciais do ensino fundamental, acumulando uma dívida enorme com a escola, pois não conseguiam pagar a mensalidade no tempo estimado.

Lembro-me de meus pais me dizendo que a escola tinha orgulho de me ter como aluno porque eu era um excelente estudante, que me esforçava, por isso não cobravam juros das mensalidades atrasadas. Também me recordo que essas dívidas só foram pagas quando finalizei os anos finais do ensino fundamental, pois a partir do sexto ano fui para uma escola da rede pública de Araci-BA.

A importância dada pelos meus pais para a escola me faz lembrar o que disse Nilma Lino Gomes (2005, p. 154) de que existe uma crença que a função da escola está reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados ou somente ao preparo para o mercado de trabalho, como se tudo isso pudesse ser trabalhado de maneira desvinculada da realidade social brasileira.

A autora ainda complementa dizendo que não faz sentido que a escola, “uma instituição que trabalha com os delicados processos da formação humana”, continue dando uma ênfase desproporcional à aquisição dos saberes e conteúdos escolares e se esquecendo de que “o humano não se constitui apenas de intelecto”, mas também de diferenças, identidades, emoções, representações, valores, etc.

Com isso, proponho essa conversa com Gomes (2005), pois ela pensa a escola com um papel social amplo. Não quero afirmar aqui que meus pais pensavam isso, mas achei o momento apropriado para refletir que as famílias de baixa renda, ou pelo menos a minha, entendia que era apenas por meio dos estudos, da Educação, que se pode acessar uma melhora na qualidade de vida, um futuro melhor, um bom emprego, “ser alguém na vida”.

Diante disso, foi desde muito cedo meu direcionamento para a docência. Tenho lembranças de quando fazia o primeiro ano do ensino fundamental, eu já sabia ler, escrever e brincava de “escolinha” com meus primos e primas escrevendo com o giz de minha tia, que era professora formada no magistério, atrás de um quadro grande com a imagem de Bom Jesus da Lapa, que era de minha avó. Lembro dela gostar e até incentivar que eu pegasse o quadro para escrever atrás dele, pois como ela não sabia ler, apenas assinava o nome com dificuldades, lembro do seu sorriso e dos seus olhos se enchendo de emoção ao me ver ensinando aos meus primos e primas na varanda.

Foi nessas “brincadeiras” que contribuí para alfabetização desses meus primos e primas, até hoje quando conversamos eles/as dizem que era melhor do que a própria escola. Se eles/elas dizem isso quem sou eu para discordar, não é?

A partir daí os caminhos foram se formando. Durante os meus estudos nos anos finais do ensino fundamental saí da brincadeira para algo mais “formalizado”, meus tios e tias começaram a me pagar, mesmo que pouco pra dar reforço aos meus primos e primas, depois alguns/algumas colegas da escola me procuravam para que eu pudesse explicar melhor o conteúdo e os meus professores/as já me indicavam para os/as estudantes que sentiam dificuldades e me diziam que eu iria ser um bom professor no futuro. Diante disso, lembrei de um trecho do texto que li em uma das aulas de Docência e Diversidade, no MPED/UNEB, um relato de Conceição Evaristo (2020):

No pequeno quintal de nossa casa, debaixo das árvores, improvisei uma sala de aula. Das moedas, que me eram dadas pelas mães gratas pelo desenvolvimento de seus filhos na escola, surgia meu primeiro salariozinho. Riqueza que me permitia comprar ora o pão diário, ora açúcar, ora o leite do irmãozinho menor, ora um caderno para mim, e às vezes algum livrinho, (revistinhas infantis, gibis, que não sei por que eu considerava como sendo livro) ou ainda obter uma alegria maior: doces, doces, doces... (EVARISTO, 2020, p.52).

Na Escola Municipal de Araci, de Ensino Fundamental, eu era ajudante na biblioteca, além de ler eu aproveitava esse espaço para dar reforço escolar no turno oposto para meus/minhas colegas. Quando fui para o ensino médio, agora em um Colégio Estadual, onde fiz um curso técnico em enfermagem (integrado ao Ensino Médio), continuei como ajudante na biblioteca, continuei dando reforço escolar para algumas colegas de turma.

Porém, a licenciatura não foi a minha primeira opção de curso quando estava pensando em prestar alguns vestibulares, pensei em psicologia, enfermagem, até direito, mas fugia das licenciaturas, principalmente por conta das minhas duas tias que fizeram magistério e diziam para mim todas as dificuldades enfrentadas pelos/as professores/as. No entanto, os caminhos me fizeram ir para a licenciatura em Pedagogia da UNEB, Campus XI – Serrinha-BA, principalmente por ser uma Universidade Pública que estava mais próxima da minha cidade (Araci-BA).

Foi nesse campus que me aproximei dos Movimentos Sociais, principalmente o estudantil, negro e LGBTQIA+. Foi, também, nesse campus que me tornei membro do grupo de pesquisa TECEMOS/UNEB, que chamo carinhosamente de quilombo no meio acadêmico, encontrei grandes mulheres, professoras negras que contribuíram demais para minha formação. E, por fim, mas não menos importante, não posso esquecer que foi nesse campus que conheci meu companheiro, meu preto, meu denço, parceiro de todas as horas.

### **Foi um griot<sup>2</sup> que me ensinou: percursos até o projeto de pesquisa**

Sou capoeira griô  
Sou cultura popular  
Teatro, samba de roda  
Cantoria e boi bumbá  
(Trecho de uma música feita por meu pai: mestre Neião).

---

<sup>2</sup> Usarei aqui o termo griot ao invés do aportuguesado griô para fazer menção a uma palavra que, segundo alguns estudos, entre esses de Noguera (2019), tem origem no Império de Gana.

Para contar sobre o meu projeto no MPED, tenho que rememorar algumas cenas da minha infância, entre essas, as histórias que eram contadas pela minha avó na varanda da sua casa e do meu pai, mestre de capoeira, reconhecido em Araci-BA como um mestre griot da cidade.

Meu pai, como ele diz, foi uma das pessoas que levou a capoeira para Araci e, posteriormente, junto com um projeto chamado de “Oficina de Artes”, na sua motinha velha, levou a capoeira até as comunidades mais distantes desse município. Mesmo com toda essa história, para conseguir o sustento da família trabalhou como segurança, vigilante, frentista, garçom, entre outras mil habilidades. Conto um pouco da história de meu pai, pois ele é uma grande inspiração para pensar a minha pesquisa.

Quando pequenos, eu e meus primos, primas, amigos, amigas ficávamos encantados/as com as histórias que ele contava, em muitas ocasiões fazíamos uma rodinha para ouvi-lo, porém em alguns momentos sempre cochichávamos: “será que isso é verdade mesmo?”. Meu pai contava histórias da vida dele, de assombração, de lobisomem eram as nossas preferidas. Diante disso, conversei com Noguera (2019), quando diz que a contação de histórias é uma expressão muito preciosa para a tradição griot, para ele:

Viver é uma contação de histórias, uma maneira de ocupar o espaço e experimentar o tempo. Daí, a contação de histórias é uma maneira de dizer que o mundo passa invariavelmente pelas perspectivas com a qual o rerepresentamos constantemente, isso é o que reorganiza e situa os diversos sentidos que lastreiam nossos caminhos. Daí, porque somos sempre vidrados em histórias, em registrar acontecimentos, reinventá-los e registrar tramas por meios dos mais diversos, usando ferramentas e as plataformas mais diversas. Desde os tempos mais antigos, contamos histórias. Porque o conjunto de experiências políticas de um povo, as vivências de uma pessoa, ou ainda, acontecimentos do mundo natural são sempre fenômenos que podemos contar ou narrar. De alguma forma, a única maneira de apresentar algo para as pessoas é através de uma história. Talvez, seja neste sentido: considerar que todas as relações e acontecimentos são passíveis de se transformarem em histórias que fazem das almas de griots e griottes, o sangue que alimenta as partes de um corpo. Em certa medida, tudo passa pela contação de histórias. Esta aqui entendida como uma aventura que nos convida para algum tipo de construção. Essas histórias podem mobilizar as pessoas para construir muralhas ou pontes. (NOGUERA, 2019, p. 272).

Além de meu pai, o terreiro, com meus mais velhos e mais velhas foi/é um espaço que proporcionou muito aprendizado para chegar até esse projeto, tanto que os itans são quem conduzem minha pesquisa.

Para Leite (2006, p.84), as lendas (itans), é a “base do candomblé”, pois é daí que se constroem os “fundamentos e orikis (orações)”, ou seja, em uma perspectiva mais ampla a



Educação proporcionada pela religião tem as lendas (itans) como seu pilar, entendendo assim, a sua grande importância para as religiões de matriz africana, pois carregam uma riquíssima carga histórica, ancestral, cultural e social.

E com essa “bagagem”, mesmo que ainda pequena, com os meus poucos, mas consistentes 4 anos de iniciação que me atrevi a pensar, construir e fazer em minha pesquisa essa ligação entre a educação em espaços formais com o terreiro.

Então, foi todo esse percurso, essas vivências no terreiro, com meu pai, minha avó, minha família, mas também nos movimentos sociais, no quilombo / grupo de pesquisa TECEMOS/UNEB-XI que essa pesquisa foi construída. Sempre digo que a base de tudo é a minha ancestralidade!

### **É no Mar\* que me (re)encontro: uma bicha preta, professor/a da Educação Básica e mestrando em tempos de pandemia**

Eu sou uma bixa, louca, preta, favelada  
Quicando eu vou passar  
E ninguém mais vai dar risada  
Se tu for esperto, pode logo perceber  
Que eu já não tô pra brincadeira  
Eu vou botar é pra fuder.  
Bixa pre-, tra, tra, tra, tra, tra!  
A minha pele preta é meu manto de coragem  
Impulsiona o movimento  
Envaidece a viadagem.  
(Trecho da música: Bixa preta, de Linn da Quebrada).

José Mateus Carvalho dos Santos é o nome que está em meus documentos, Oloní é a minha dijina, o nome que recebi quando renasci para o Orixá, Mar\* é o nome que mostra o que sou/sinto, uma pessoa de gênero não-binário, uma bicha preta, foi o nome construído junto com as minhas companheiras e companheiros do movimento LGBTQIA+, que além do mais remete a um lugar sagrado para quem é do axé. Por conta de disso, construí um poema:

#### **A-MAR**

Não existe alegria maior  
Quando encontro o mar.  
Mar que sou eu  
Mar eu mim  
Mar de ontem, de hoje  
Sem fim...

Mar,

Onde minha ancestralidade fez a travessia  
Envolta a dores e grilhões, eu sei...  
Aqui aportou, lutou, resistiu e construiu  
Fez quilombos, aflorou o axé e a magia.

Tudo isso vem do mar  
Veio do mar,  
Tem no mar.  
Águas de Iemanjá  
Águas das Iabás  
Águas de todos os Orixás.

Ah, o mar!  
Sou Mar,  
De Logun, de Oyá, de Angorô, de Iemanjá!  
Mar de todos os Santos  
Mar dos Santos  
Também, de dona Zélia e de mestre Neião  
Por meio dele e dela estou aqui na terra.

Enfim,  
Porém, sem fim  
Assim como o mar  
Sou Mar  
E só quero A-MAR!

Trago aqui o conceito da “terceira margem” de Mota (2021) para pensar o que sou e onde estou. Para o autor, “fazer o percurso da terceira margem significa se reconstituir sujeito a partir da subjetividade do ser sendo” (MOTA, 2021, p. 222). Neste sentido, entendo que sou uma pessoa não-binária, uma bicha preta, sou porque sou e vivo, sendo. No entanto, Mota (2021) salienta que:

a terceira margem não se coloca aqui como sinônimo de fronteira ou de entre-lugar, mas sim como um espaço outro que pode acolher aqueles e aquelas que estão vivendo nas fronteiras ou no entre-lugar. Isso porque, quem vive essa condição de invisibilidade, marginalização e exclusão por não se adequar aos padrões heteronormativos instituídos socialmente, carregam consigo o desejo semelhante ao pai que decidiu habitar a terceira margem do rio (MOTA, 2021, p. 223).

Para mim, esse desejo é de ser livre, de poder viver e expressar a sexualidade, a identidade de gênero (no meu caso, o “não gênero”). Porém, como disse Megg Rayara (2018, p.165) “a bicha do tempo presente, adulta e consciente do seu papel social, não veio pronta para o mundo”. Houve uma trajetória, a qual tentei traçar nessa escrita.

Um dia desses estava conversando com uma amiga e ela me perguntou como foi que consegui passar em um concurso público para ser professor/a da Educação Básica e passar, também, no mestrado. Nessa hora, muitas “águas” rolaram em minha mente e em meus olhos. Pensei nos esforços de minha família, no meu pai indo me levar e buscar de bicicleta todos os dias da escolinha dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na minha avó cuidando dos netos para que meu pai e mãe pudessem trabalhar incansavelmente, lembrei da minha mãe levando a marmita no ponto de ônibus para mim, quando saía apressado do trabalho em uma loja, em Araci-BA, para ir estudar na UNEB/XI, em Serrinha-BA... Enfim, muitas lembranças, muitas águas.

Falei para a minha amiga que não foi fácil chegar até aqui e que não é fácil se manter, trabalhar, ganhar pouco, ajudar na renda da família, fazer mestrado, conciliar as leituras e estudos com o “trabalho silencioso” de planejamento de aulas da escola, e isso se potencializou por conta da pandemia, o trabalho redobrou: gravações de vídeos, aulas online, acompanhamento dos/as estudantes pelas redes e plataformas digitais. É tanta coisa para dar conta que nem durmo direito, que nem consigo passar muito tempo com minha família e com meu companheiro. Mas, vamos em frente! Como disse o Emicida na música “nóiz”: “Deus ajuda quem cedo madruga pro turno / Imagina o que ele vai fazer por mim / Quando ganhar que eu nem durmo / Nem percebo se é diurno, noturno...”.

Sempre ensinei na roça. Minha primeira experiência na escola foi como estagiário em uma comunidade quilombola de Serrinha-BA, ainda na graduação em Pedagogia, em 2014, porém já assumindo a sala de aula, pois a professora teve que fazer uma cirurgia e eu fiquei em seu lugar. Depois me colocaram em uma outra comunidade, a mais distante do município. Devo frisar que eram lugares onde os/as professores/as efetivos/as não queriam ir... (eram o que diziam as “más línguas”).

No Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, de 2015 a 2018 fiquei no grupo que desafiou ir em uma escola de um bairro periférico de Serrinha-BA, com maioria de estudantes de baixa renda (e negros/as). Acho importante falar isso, pois foram essas experiências que me fizeram ser o que sou hoje em relação a Educação.

Hoje como professor/a efetivo/a em Ichu-BA, estou em uma escola da roça, em uma comunidade que é a mais distante do centro da cidade. No quadro de professores/as, grande parte são de outras cidades, entre esses/as eu, que durante esse período de pandemia, com aulas remotas, estou em Araci-BA e com a iminência de volta às aulas presenciais, de forma híbrida, estou em processo de mudança para o município de Ichu-BA. Que processo cansativo!

Diante dessa minha trajetória, onde nunca pensei que iria estar, como também diz Megg Rayara (2018, p.167), “o trajeto de uma bicha não é feito em linha reta, e tão pouco por terrenos planos: é um zigzague constante por terrenos acidentados”. Ou seja, não é fácil ir por caminhos outros que aqueles que são prescritos pela sociedade racista e cisheteronormativa que vivemos, tanto no sentido pessoal, quanto no social, educacional, nas escolhas epistemológicas etc. Isso exige que tenhamos bases firmes. E essa minha base, digo e repito, é a minha ancestralidade!

### **Finalizando o xirê na paz de Oxalá**

*Oní Sàà wúre* (Senhor do Tempo/Existência)  
*Sàà wúr àşẹ* (Rogamos bênçãos e axé)  
*Oní Sàà wúre o bẹ̀ẹ̀ rí o mó* (Senhor do Tempo assim novamente)  
*Oní Sàà wúre* (Senhor do Tempo)  
*Sàà wúr àşẹ Bàbá* (Rogamos bênçãos ao Pai)  
*Oní Sàà wúre o bẹ̀ẹ̀ rí o mó* (Senhor do Tempo assim novamente)  
(Oriki de Oxalá com tradução)<sup>3</sup>

Com este trabalho, em formato de memorial, tentei mostrar um pouco da minha trajetória formativa, desde a infância quando a Educação me afetou, até os dias de hoje, como professor/a da Educação Básica, passando pelo meu ingresso no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED/UNEB XIV, pesquisando e escrevendo assuntos tão importantes e caros para mim, para quem fez e faz movimentos por uma sociedade melhor de se viver, que respeite as identidades e diferenças em suas mais diversas formas e aspectos de gênero, raça, etnia, sexualidades etc.

Por fim, não conseguirei terminar esse memorial se não com poesia e reverenciando minha ancestralidade. E, devo salientar que a todo o momento desta escrita, durante esses dias, relembro sobre minha vida, escrevendo, estive, às vezes, com lágrimas descendo pelo meu rosto, noutras com um sorriso de canto de boca... E seguindo em frente, devagar, aos poucos, tendo como inspiração os passos vagarosos, porém firmes de Osálufàn (Êpá babá!), construí um pequeno poema:

### **Poema da despedida**

Tenho tantos desejos aqui dentro  
Tantos que nem sei como descrever

<sup>3</sup> Tradução por Pai Paulo de Oxalá, que pode ser encontrado em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/naa-orin-as-cantigas-oni-saa-wure-olajo-oni-nao-sao-adura-rezas-sim-oriki-saudacoes-23400329.html>



Quero liberdade pro meu povo  
Quero dias melhores para minha família, pra mim  
Ver o mandacaru florescer...

Mas, agora mais do que nunca,  
Mesmo que, às vezes, a vontade de desistir circunda  
Quero estar e terminar o mestrado  
Para contribuir na minha formação  
Quero exercer meu trabalho (a docência) com dedicação

Mas, também, pra sambar na cara dos que me disseram não  
Dos que disseram que eu não iria conseguir  
Um corpo preto, pobre, macumbeiro e viado?  
Nesses espaços?

Me olham torto nas ruas,  
Me barram na porta das lojas,  
Me boicotam a todo momento...

Se eu cair no meio do caminho  
Cairei cansada, mas feliz  
De cabeça e punhos erguidos  
Honrando a minha ancestralidade  
Lutando por liberdade.

Axé! / ÀSÉ!\*

\*“Para os iniciados do Candomblé, Àsé significa, principalmente, força, poder, energia”  
(MÃE STELLA DE OXOSSI, 2010, p.89).

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. Vol. 8, No. 1, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> Acesso em: 10/08/2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs). **Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA , Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição. Brasília: MEC, 2005.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

LEITE, Valderlei Furtado. **Candomblé e Educação**: dos ilês às escolas oficiais de ensino. Dissertação (Mestrado em Educação, Comunicação e Administração) - Universidade São Marcos. São Paulo, 2006.

MOTA, Charles Maycon de Almeida. A terceira margem: para além das dualidades e ambivalências. In: OLIVEIRA, Adelson Dias de; SILVA, Juliane Costa (orgs.). **Coletânea Profissão Docente na Educação Básica**: memória, narrativas e docência. 1.ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

NOGUERA, Renato. “Antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é” : tecnologia griot, filosofia e educação. **Problemata**: Revista Internacional de Filosofia. v. 10, n. 2, p. 258-277, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49137> Acesso em: 11/08/2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação! **Periódicus**, Salvador, n. 9, v. 1, maio-out. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25762> Acesso em: 12/08/2021.

OXOSSI, Mãe Stella de. **Meu Tempo é Agora**. 2ª edição. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

SANTOS, José Mateus Carvalho dos. Educação antirracista, interseccionalidades e protagonismo da juventude preta: formas de pensar e construir o mês da consciência negra na escola. **Em Favor de Igualdade Racial**, Rio Branco - Acre, v.3, n.3, jun/dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/4182> Acesso em: 13/08/2021.